



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A REPRESENTAÇÃO ÉTNICO-RACIAL EM ALGUMAS PRODUÇÕES DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

JISELDA MEIRIELLY DE FRANÇA

EIXO: 2. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS AFIRMATIVAS

RESUMO: O estudo objetiva analisar a representação da estética negra em algumas produções da literatura infantil brasileira. E objetivos específicos: a) Mapear as imagens atribuídas aos personagens negros, b) Identificar os discursos atribuídos a estes e c) Discorrer em que medida as obras analisadas apontam para um discurso de fortalecimento e ressignificação na literatura infantil com relação à identidade étnico-racial. A metodologia remete a uma análise de três obras: "As Tranças de Bintou" (2004), de Sylviane A. Diouf, "O Cabelo de Lelê" (2007), de Valéria Belém e "Betina" (2009), de Nilma Lino Gomes, que teve como base a luz da crítica literária em consonância com os teóricos. Assim, conclui-se que Literatura Infantil a partir das obras literárias contribui para ressignificação/reafirmação dos/das negros/as e colabora para a efetivação da Lei (BRASIL, 2013). **Palavras-chave:** Literatura infantil. Personagem negro. Identidade étnico-racial.

ABSTRACT: This study analyzes the representation of black aesthetic in some productions of Brazilian children's literature. And specific objectives: a) Map images attributed to black characters, b) Identify the speeches attributed to them and c) discuss to what extent the works analyzed point to a strengthening of speech and reframing in children's literature with regard to ethical and racial identity. The methodology refers to an analysis of three works: "The Braids Bintou" (2004), Sylviane A. Diouf, "The Hair Lelê" (2007), Valeria Bethlehem and "Betina" (2009), of Nilma Lino Gomes, who was based on the light of literary criticism in line with the target. Thus, it is concluded that children's literature from the literary works contributed to reframing / reaffirmation of / the black / as and contributes to the fulfillment of the Law (BRAZIL, 2013).

Keywords: Children's Literature. black character. ethnic-racial identity.

1-INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO Este estudo apresenta algumas discussões a cerca da Representação da Estética Negra em algumas Produções da Literatura Infantil Brasileiras, em três obras: "As Tranças de Bintou" (2004), de Sylviane A. Diouf, "O Cabelo de Lelê" (2007), de Valéria Belém e "Betina" (2009), de Nilma Lino Gomes. O estudo tem como objetivo principal analisar a representação da estética negra em algumas produções da literatura infantil brasileiras. Desta forma, pretende-se analisar as imagens e os discursos dos e sobre a personagem negra nas obras que trazem alguma referência à estética e aos repertórios afro-brasileiros, repertórios aqui entendidos como elementos de matrizes africanas referentes às identidades e/ou aos diversos elementos culturais e referenciais dessas matrizes. Com isso, para a seleção dessas obras infantis foi necessário delimitar um determinado período posterior à publicação da Lei 10.639/2003, que atribui a todas as áreas do conhecimento a responsabilidade da inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, especialmente nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileira (BRASIL, 2003). Além da reduzida quantidade de material relacionado aos personagens negros na Literatura infantil que abordem uma representação do ser negro e do fortalecimento desta identidade a partir do cabelo. Mediante essa seleção pretende-se perceber como as narrativas literárias destinadas ao público infantil abordaram /abordam a questão étnico-racial a partir dos anos delimitado. Neste trabalho qualitativo foi necessário inserir textos relevantes para o aprofundamento e entendimento do contexto em que a Literatura infantil surgiu no Brasil, o aparecimento tardio dos/as personagens negros/as e atrelado a isso uma imagem estereotipada/estigmatizada que permeou por muito tempo as obras literárias brasileiras direcionadas ao público infantil, além de provocar discussão/reflexão a cerca dessa temática. Assim, a partir da análise das obras Literárias infantis com base na crítica literária percebeu-se que: "As Tranças de Bintou" possui um discurso que contempla os traços da cultura negra de forma positiva, no sentido de reafirmar o fenótipo negro, e contempla o leitor a cultivar o respeito às relações raciais ao expor um ambiente da cultura africana. "O Cabelo de Lelê" transporta o leitor para um discurso de valorização da etnia negra através do cabelo, de certa forma a autora ressalta que as diferenças favorecem a construção/enriquecimento cultural e identitário da sociedade. E quanto à obra "Betina" a autora remete a visualizar um símbolo relevante para a identidade negra: a cor da pele e em especial o cabelo, aspecto alvo de discriminação, mas, no livro trás o fortalecimento deste símbolo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO No desenvolvimento desse estudo, foram utilizados referenciais teóricos da literatura que fazem uma abordagem crítica, tais como: Coelho (1983; 1988, 1984; 2000); Munanga (1996); Rosemberg (1985, 1979); Sousa (2001 e 2002); Souza (2006) e Schwarcz (1993) entre outros, que se farão presentes no decorrer do estudo. O trabalho utiliza perspectiva da educação quanto a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) no sentido de torná-lo enriquecedor com os/as autores/as Andrade (2001) que aborda o racismo e

antirracismo na literatura infanto-juvenil, além de Hall (1999) com algumas discussões/reflexões sobre identidades.

2.1 Literatura Infantil A literatura infantil é relevante na educação inicial, pois é através dela que a criança desperta/exercita o imaginário e aprende com o contato oral das histórias infantis a descobrir/compreender o mundo. Assim, essa literatura voltada para o público infantil é considerada indispensável para a etapa da alfabetização, na qual as crianças estão vivendo a fase de aquisição de leitura e escrita. De acordo com Aguiar (1989):

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filhos), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitir à criança a idéia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo. (AGUIAR, 1989, p.120)

Diante dessa premissa, percebemos que é relevante que a escola insira na prática pedagógica uma Literatura Infantil que contemple nossa cultura e matrizes africanas. No entanto, o docente deve estar atento em trabalhar com esse recurso didático (livro infantil) em sala de aula sem criar estereótipos, estigmatizar, ou até mesmo invisibilizar determinada etnia e cultura (como acontece com os negros). A escolha de um suporte pedagógico adequado contribui muito para prática educativa capaz de desmistificar pré-conceitos que permeiam o imaginário social a respeito da questão étnico-racial brasileira e de nossas matrizes africanas, torna-se relevante o estudo da literatura como fonte dessa representação identitária no contexto da diversidade étnico-racial brasileira. **2.2 Conceitos e**

Identidade Étnico-racial Em relação às identidades, os autores Sodré (1999) e Hall (1999) afirmam que as identidades são construídas e reconstruídas socialmente; dinâmicas e múltiplas. Podem ser modificadas de acordo com os momentos e os fatos históricos. O trabalho centrou-se no referencial teórico que contempla os seguintes quesitos: Identidades; diversidade; Identidades Étnico-raciais Negras; Africanidades, Culturas Negras, e Práticas escolares. Em relação às nomeações de "raça, racismo,

discriminação racial” segundo Souza e Silvia (2007), o primeiro mostra-se importante para o combate ao racismo explica e afirma sua existência. “Também explica a trajetória de resistência e de produção de conhecimento de inúmeras pessoas e de organizações dos movimentos sociais e negros”. O segundo racismo é uma doutrina que defende a superioridade de certos grupos racistas e étnicos. “É um modo hierárquico de classificação dos seres humanos que os distingue com base nas propriedades físicas e nos marcos culturais”. Já o terceiro, “Discriminação racial é o preconceito materializado em ações e condutas que desqualificam e inferiorizam um grupo em detrimento de outro”. Dentro dessa concepção, é relevante explicar que com as teorias racistas inventadas no século XIX na Europa e nos Estados Unidos como uma maneira de explicar as origens e características da sociedade foi aceita nos anos de 1870 e 1930. Essas teorias afirmavam que através da biologia as mesmas leis da natureza eram aplicadas na sociedade e que o fenótipo dos sujeitos poderia ser capaz de afirmar, ou negar se determinado indivíduo tinha capacidade intelectual, sendo expandida para outras civilizações do mundo. Assim, naquele período as pessoas passaram a ser classificada de acordo com os estágios civilizatórios. Nesse sentido a Europa era adiantada se comparada com os indígenas e africanos, recusando de certa maneira a diversidade. Segundo os autores,

Podemos dizer que foram basicamente quatro os argumentos da “ciência racial” que tiveram grande aceitação na sociedade brasileira daquele tempo: o primeiro, que havia raças diferentes entre os homens; segundo, que a “raça branca” era superior à “raça negra”, ou seja, os brancos eram biologicamente mais inclinados à civilização do que os negros; terceiro, que havia relação entre raça, características físicas, valores e comportamentos; e, ainda, que as raças estavam em constante evolução, portanto era possível que uma sociedade pudesse ir de um estágio menos desenvolvido para outro mais adiantado, sob certas condições. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p.320). Essas teorias, embora secularmente contestadas ainda circulam seus efeitos no imaginário social, contribuindo para a reprodução das desigualdades a partir da discriminação e inferiorização dos grupos considerados pelas referidas teorias como inferiores, de acordo com seu conceito de civilização. O branqueamento visto como condição civilizatória, implementado sob a forma de política de imigração, mas alimentado na inculcação de que para se desenvolver precisa se branquear o país e para

ser feliz no âmbito pessoal também se precisa se perseguir esse ideal. A ideologia do branqueamento e da mestiçagem como estratégias de negociação das identidades passa a alimentar pensamento e imaginário social, conforme Munanga (1999), citado por Lima (2010, p. 6). Nesse sentido, as teorias racistas esperavam era que o branqueamento do país “corrigisse os defeitos dos negros e indígenas, considerados, nesse entender racista como inferiores”. Para Lima (2008, p. 8), “nas africanidades se definem os repertórios culturais brasileiros que em sua origem, dispositivos de base ou (re)elaboração histórica remetem ou se relacionam com as ancestralidades africanas”. As identidades negras são dinamicamente forjadas a partir dos elementos de raízes e produção africanas e afro-brasileiras presentes na cultura e na história brasileiras, no que as autoras definem como africanidades.(LIMA, 2006; LIMA; TRINDADE, 2009). Desse modo, a partir dessas conceituações percebe-se o quanto é indispensável que a questão étnico-racial seja trabalhada/discutida em sala de aula para efeito de aprendizado e conhecimento.

1. ANÁLISE DAS OBRAS INFANTIS E DISCUSSÃO

No que refere-se aos procedimentos metodológicos este artigo teve algumas etapas, a saber: a) Levantamento do referencial teórico; b) Seleção de duas obras infantis (dos anos: 2004, 2007 e 2009) tendo como suporte teórico a crítica literária; c) Observação/análise dos discursos e imagens dos/das personagens negros/as nas narrativas literárias pesquisadas e d) Mediante a análise das narrativas literárias, será inserida a discussão acerca das conclusões. A amostra para esse estudo foi composta pelas obras infantis brasileiras “As Tranças de Bintou” (2004), de Sylviane A. Diouf, “O Cabelo de Lelé” (2007), de Valéria Belém e “Betina” (2009), de Nilma Lino Gomes. Esse processo de categorização expõe a representação da população negra através dos discursos: verbal e não verbal. Com o intuito de explicar o quanto a Literatura Infantil pode contribuir para uma prática antirracista.

3.1 “As Tranças de Bintou” (2004), de Sylviane A. Diouf

No que remete ao título desta narrativa, traz uma afirmativa positiva com relação à identidade negra “As tranças de Bintou” valorizando a identidade negra, a cultura e costumes africanos, pois se trata de um conto que trabalha a da representação positiva do ser negro a partir das imagens e dos discursos de valorização dos cabelos pelos personagens, além de trabalhar com a auto-estima da criança negra em especial a menina. No início da narrativa a autora apresenta Bintou que não gostava da aparência do cabelo dela. Na seguinte passagem: “Meu nome é Bintou e meu sonho é ter tranças. Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobó e sem graça. Tido que tenho são quatro birotos na cabeça...” (DIOUF, 2004, p. 02). Esses traços que antes era

desvalorizado/estereotipado pelos escritores, nessa respectiva obra são contemplados e relacionados a um tipo de beleza que, segundo o direcionamento da obra somente é encontrado em pessoas negras. Se no início Bintou não gostava da aparência do cabelo, no decorrer da narrativa passa a gostar e admirá-lo, conforme pode se constatar na seguinte passagem: “Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. O sol me segue e estou muito feliz” (DIOUF, 2004, p. 29 e 30). Com isso, percebe-se que a obra possibilita pensar que as etnias afro-brasileiras são, então, demarcadas pelas raízes históricas, socioculturais e políticas que marcam a formação populacional brasileira e pelas relações estabelecidas tanto nas suas ancestralidades distantes como nas vivências contemporâneas. Ainda neste viés Gomes (2002) insere que “o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política”. Assim, a representação da pele e do cabelo da população negra estabelece de certa forma, padrões estéticos que valorizam a cultura e identidade negra, neste sentido Gomes (2002) afirma que:

O corpo evidencia diferentes padrões estéticos e percepções de mundo. Pinturas corporais, penteados, maquiagem adquirem, dentro de grupos culturais específicos, sentidos distintos para quem os adota e significados diferenciados de uma cultura para outra. (GOMES, 2002, p.43). Com isso, é indispensável ressaltar que a autora não só aborda a questão da valorização do cabelo como fator de posituação da etnia negra, mas também o conto no insere no continente africano, que expõem recursos que direcionam o leitor a visualização da identidade negra e de nossas matrizes africanas. Nesse sentido, é apresentado através das ilustrações abaixo: na aldeia, nas roupas da dela e da família, nos lenços, nos adereços, e na representação dos cabelos que trazem uma simbologia muito forte da cultura étnica africana. Diante desta premissa, nesta obra a autora além de mostrar aspectos, cultura e costumes da África como foi citado acima, também mostra o quanto às personagens demonstra um sentimento de afetividade ao longo da narrativa, seja através de abraços ou de confraternização junto da família e de amigos (mãe, irmã, irmãos, vovó Soukeye, tia Awa, tia Ainda e Serigne Mansour), algo que era quase que impossível em obras do ano de 1975. Além do fenótipo, da cor da pele, a autora enfatiza a representação do cabelo como algo relacionado à identidade negra e nossas raízes africanas. As tranças tornam-se repertórios de valorização da identidade negra, pois através do cabelo pode-se representar um valor cultural. Desta forma, a autora Gomes

(2002) afirma que: "O uso de tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África" (GOMES, 2002, p.44), colaborando para a valorização de uma estética que tem como base a história e cultura africana e afro-brasileira. Portanto, para o fortalecimento de uma educação antirracista ao potencializar o autoconceito e a autoestima das crianças negras e ajudar no combate da autonegação imposta às pessoas negras pela representação negativa dos seus repertórios identitários, seja na mídia, no material didático ou na Literatura infantil. Este fator pode favorecer a equidade social. Esta categoria de valorização é corriqueira nas obras analisadas neste estudo.

1. "O Cabelo de Lelê" (2007), de Valéria Belém

Cap Na narrativa conta a história de Lelê que tinha o cabelo afro e não gostava dele e nem entendia "De onde vem tantos cachinhos?

, a pergunta se mantém" (BELÉM, 2007, p. 03). Os discursos presentes nessa referida obra estrategicamente trazem suporte para combater o preconceito e discriminação racial, através do desenrolar da trama dos questionamentos da protagonista, Lelê. Diante dessas premissas, consideramos a importância, não só da posituação do "eu" na constituição da auto-estima que motiva o desenvolvimento, mas da explicitação do "nós", a partir dos referenciais ancestrais afro-brasileiros positivos nos diversos âmbitos onde essa participação tem sido ocultada. (LIMA, 2003). Diante desta inquietação de saber "De onde vem tantos cachinhos?

, Lelê teve a ideia de buscar a resposta em um livro sobre a África, na seguinte passagem: "Depois do Atlântico, a África chama e conta uma trama de sonhos e medos, de guerras e vidas e mortes no enredo, também de amor no enrolado cabelo. Puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado. São tantos cabelos, tão lindos, tão belos" (BELÉM, 2007, p. 12). Desta forma, a protagonista descobre tinha cachinhos por causa da genética do avô. E a partir disto passa a gostar do cabelo, agora "Lelê gosta do vê! Vai a vida, vai ao vento. Brinca e solta o sentimento" (BELÉM, 2007, p. 18). Como pode ser percebido na ilustração abaixo: Neste sentido, da valorização dos cabelos a autora citada afirma que "a manipulação do cabelo do negro e da negra, nessa perspectiva, pode ser vista como continuidade de elementos culturais africanos ressignificados no Brasil". (GOMES, 2002, p.51). Ainda neste viés Gomes (2002) afirma que: "o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política". Assim, é relevante inserir as ilustrações abaixo em que a autora representa de várias maneiras o penteado de Lelê, valorizando assim a menina negra. Não

há um único estilo de aprender e significar o mundo. Porém, na perspectiva do alcance de um mundo mais humanizado e com menor desigualdade e exploração, faz-se necessário atentar para um processo de aquisição de conhecimento e formação de atitude respeitosa de reconhecimento da participação e contribuição dos afro-brasileiros na sociedade brasileira, o que requer que o preconceito e discriminação contra esse grupo sejam abolidos, que sentimento de superioridade e de inferioridade seja superado, que novas formas de pessoas negras e não negras se relacionarem sejam estabelecidas. Para que isso se estabeleça, é importante o conhecimento da história para entendimento da gênese histórica dessas desigualdades, o que passa pelo entendimento da constituição histórica das relações etnico-raciais no Brasil. Nisso também reside a importância da educação no trabalho com as africanidades em sua multidimensionalidade, nos aspectos políticos, sócio-culturais, históricos e didático-pedagógicos.

3.3. Betina, de Nilma Lino Gomes (2009) Nesta obra a autora remete o leitor a visualizar um símbolo relevante para a identidade negra: a cor da pele e os cabelos, pois, tanto na capa, quanto no decorrer das imagens encontradas é recorrente a simbologia à identidade racial e de nossas matrizes africanas, características estas que (re)afirmam uma beleza que apenas é encontrada nas pessoas negras. Na categoria de afetividade expressada no decorrer da obra, através das conversas entre avó e neta, a relação de harmonia e cumplicidade de ambas que fica exposto na passagem e nas ilustrações: “Enquanto trançava, avó e neta conversavam, cantavam e contavam história. Era tanta falação, tanta gargalhada que o tempo voava! E, no final, o resultado era um conjunto tão artisticamente realizado que mais parecia uma renda” (GOMES, 2009, p.6). Neste sentido, a autora Gomes (2002) infere uma reafirmação de que não deve existir um padrão de beleza, pois, a partir da comparação de sinais da população negra com a população branca (europeu e colonizador) serviu de justificativa para uma padronização de beleza, que exclui os indivíduos negros/as atribuindo-lhes o conceito de feiúra, já que não estão dentro destes pré-requisitos. Diante disto a autora Gomes (2002) no artigo Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?

insere que:

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. (GOMES, 2002, p.4) Nesta perspectiva de valorização, a referida obra

oferta ao leitor um sentido positivo quanto ao cabelo crespo através de penteados de origem africana, em uma simbologia estética que marca a identidade de um povo que sofreu com a escravidão e que mesmo tendo passado vários anos pós-escravidão ainda é forte o preconceito e a discriminação com relação à etnia negra. Além de remeter atenção para os ancestrais “[...] São pessoas que nasceram em antes de nós e já morreram. Algumas nasceram aqui mesmo no Brasil, e outras viviam numa terra bem longe, chamada África. Elas nos deixaram ensinamentos e muita história de luta [...]” (GOMES, 2009, p.14). Assim, pode-se afirmar que houve uma valorização da identidade negra através da inserção de uma ancestralidade nas obras e dos elementos identitários (cabelos e cor da pele).

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este artigo se desencadeou a partir da representação atribuída aos personagens negros na literatura infantil no Brasil, e teve como objeto de análise as obras “As Tranças de Bintou”, “O Cabelo de Lelê”, e “Betina”. Mediante os discursos das mesmas nota-se, entre outras coisas que na primeira obra: a) possui um discurso que contempla os traços da cultura negra de forma positiva, no sentido de reafirmar o fenótipo dessa etnia; b) contempla o leitor a cultivar o respeito à identidade racial e a cultura africana; e d) destaca-se que no enredo a vivência de uma família unida e feliz. Quanto às obras: “O Cabelo de Lelê” e “Betina” percebe-se um discurso com o intuito de valorizar da população negra e de certa forma, a autora ressalta que as diferenças favorecem a construção/enriquecimento cultural e identitário da sociedade. Desta forma, os discursos presentes nessa referida obra estrategicamente trazem suporte para combater o preconceito e discriminação racial, através do da conclusão da protagonista de que o cabelo era herança do avô e a forma percebeu que o cabelo dela era lindo com os cachinhos. Assim, nesse mundo encantado das histórias infantis, capaz de criar modelos e ditar valores culturais como padrões é indispensáveis que o/a professor/a no papel de mediador do conhecimento em sala de aula busque trabalhar com a diversidade, no sentido de mostrar que a padronização da estética não contempla a diversidade racial e que a valorização à etnia negra e africana mostra que as diferenças favorecem à construção/enriquecimento cultural e identitário da sociedade, rompendo padrões/modelos de protagonistas da Literatura infantil. Portanto, a partir desta obra literária é possível trabalhar em diálogo com uma educação antirracista e que contemple a inserção da Lei 10.639/2003, que atribui a todas as áreas do conhecimento a responsabilidade da inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, especialmente nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileira (BRASIL, 2003).

5- REFERÊNCIAS AGUIAR, Vera Teixeira. **Coleção Era uma Vez** (Contos de Grimm), edição para crianças com bibliografia de apoio para professores. Porto Alegre, Kuarup. In FANNY, Abramovich. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo. Scipione. 1989. BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Ed. Companhia Nacional, 2007. BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília-DF: CNE, 2004. BRASIL. **Lei 10.639/2003**. Brasília: Presidência da República, 2003. COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira**. São Paulo: Quíron, 1983. _____. **Integração luso-afro-brasileira de literatura infantil e juvenil**. São Paulo, v.7, n.78, p.14, nov. 1988. _____. **A Literatura Infantil: história, teoria, análise**. 4ª ed. SP: Quíron, 1987. _____. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira**. São Paulo: Quíron, 2ª ed., 1984. _____. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. SP: Moderna, 2000. DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. Ilustração: Shane Evans. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2004. FRANÇA, JiseldaMeirielly; LIMA, Maria Batista. **Representação Dos Personagens Negros Na Literatura Infantil: Um Estudo A Partir De Duas Produções Brasileiras**. Seminário Nacional de Alfabetização e Letramento: Um estudo a partir de duas produções brasileiras. Itabaiana. Vol.2. n. 2, p. 208221, setembro, 2012. GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Belo Horizonte: Mazza. Edições, 2009. GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Scielo, v.21, p.40168, 2002. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. RJ: DP&A,1999. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil no Brasil: história & histórias**. São Paulo: Ática, 2004. JOVINO, Ione da Silva. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. LIMA, Maria Batista Lima. **Identidade Étnico/Racial No Brasil: Uma Reflexão Teórico-Metodológica**. Revista Fórum identidades. Ano 2, Volume 3 – p. 33-46 – jan-jun de 2008, p.33-46. _____. **Práticas cotidianas e identidades étnicas: um estudo no contexto escolar**. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2006. (Tese de doutoramento) LIMA, Heloisa Pires. **Personagens negros: Um Breve Perfil na Literatura Infanto-Juvenil**. In: MUNANGA, Kabengele (org) **Superando o Racismo na Escola**. 3. ed. Brasília-DF: MEC, 2001. OLIVEIRA, Maria Anória. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979 – 1989**. 2001. (Mestrado em Educação), UNEB, Salvador, 2003. ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1985. SCHREIBER, M. R. **As minorias étnicas na literatura infanto-juvenil Brasileira**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia/UFMG, 1975.

Recebido em: 11/06/2016

Aprovado em: 14/06/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: